

Alguns significantes sociolingüísticos do futebol

Luiz César Saraiva Feijó, da ABF e UERJ

A linguagem especial do futebol, por nós analisada em muitos artigos publicados em revistas e jornais, já há algum tempo e mais recentemente em três livros, publicados no Rio de Janeiro, renova-se constantemente sempre que surgem calorosas discussões na mídia, sobre este apaixonante esporte. A língua portuguesa, tradutora de todas as emoções que o futebol desperta, cria termos novos para dizer coisas antigas e, também, retira de seu léxico passivo termos já quase esquecidos pelo público-alvo, receptor das mensagens orais ou escritas, que os profissionais da área, jornalistas esportivos, usam, produzem e reproduzem, servindo-se do formidável poder de difusão dos veículos de comunicação de massa. O nosso trabalho tem sido, fundamentalmente, o de estudar a linguagem do futebol do ponto de vista da criação verbal, mas nunca esquecendo dos empréstimos lingüísticos e do surgimento de uma semantização especial, advinda de inúmeros fatores sócio e extralingüísticos, como é o caso do presente trabalho.

Nossa pesquisa utiliza material escrito e oral, obtido através de jornais, revistas e gravações de programas de rádio e televisão. O ponto de partida do presente trabalho foram as declarações de um jornalista esportivo a um jornal de grande circulação no sul do país.

O cronista e jornalista esportivo, Armando Nogueira, quando do lançamento do Curso de Pós-graduação em Administração Esportiva da Universidade do Esporte, em Curitiba, no início do mês de setembro de 1999, referiu-se, em entrevistas aos jornais locais, ao futuro do futebol brasileiro em competições internacionais. Chegou mesmo a afirmar que o Campeonato Mundial de Futebol, promovido pela FIFA, seria disputado por "times" e não mais por países. Os argumentos, muito interessantes, narrados em seus textos, são polêmicos, evidentemente, e podem ser analisados pelo discurso metalingüístico do futebol, chamando-se a atenção para alguns significantes sociais, retirados de suas observações.

1- O jornalista chama a TORCIDA de PLATÉIA.

"...não tenho a menor dúvida de que na Copa do Mundo não temos torcida nos estádios, o que temos é platéia. Se tivesse torcida, teria que ter

alambrado, se não a torcida brasileira teria invadido o gramado na final da Copa da França e dado uma surra nos jogadores brasileiros” .

Pelo texto, podemos ver que TORCIDA e PLATÉIA não são, absolutamente, sinônimos.

Por que **torcida** e **platéia** não podem ser usados, um no lugar do outro? Observemos.

O termo **TORCIDA**, derivação sufixal de TORCER, do latim clássico *torquere*, e do baixo latim *torcere* possui um leque significativo muito abrangente como: *afligir, amargurar, atirar, atormentar, curvar, dobrar, despedir, dirigir, enrolar, experimentar, inquietar, lançar, revolver, sondar, torcer, torturar, vergar, voltar*. TORCIDA, segundo o Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, significa coletividade de adeptos de um clube esportivo; grupo de torcedores, galera, sendo este último significado, utilizado na linguagem especial do futebol. Antônio Houaiss registra em seu dicionário da língua portuguesa: ‘numa competição (esportiva ou não), o conjunto de torcedores’.

O termo **PLATÉIA**, do francês *platée*, significa o espaço destinado aos espectadores em um teatro, cinema ou auditório e, por extensão, aos que assistem a espetáculos, os mais variados, inclusive espetáculos esportivos.

Parece, assim, que esses dois termos são empregados, sempre guardando seus semas mais significativos. **Torcida** é empregado para os jogos nos quais a massa comparece como assistência, como público participativo, espectador e ator ao mesmo tempo, como afirma Muniz Sodré: “Espectador, porque não participa fisicamente do que se passa no campo. Ator, porque a “torcida” (a discussão acalorada, o arrebatamento, enfim a maneira como o espectador desempenha o seu papel) faz parte necessária do *show*”. O termo TORCIDA está na boca do povo que aprecia o espetáculo futebol e o futebol-espetáculo está na boca dos apaixonados pelo mais popular esporte nacional. O termo TORCIDA consta do vocabulário ativo dos locutores, repórteres e comentaristas de rádio e televisão. Está na boca do povão.

Já o termo PLATÉIA é raramente encontrado na fala dos homens de rádio e televisão que transmitem as partidas de futebol. Parece que está restrito a alguns outros tipos de competições esportivas, onde o público não participa, ao mesmo tempo, como espectador e ator. O comportamento educado do público, dentro de parâmetros elevados da etiqueta social, seu estado emocional, muito mais orientado pela razão do que pela emoção, e, até sua indumentária, denunciando-o pertencer a uma faixa da alta estratificação social, seriam indicadores de uma clara elitização. É o caso das partidas de tênis, da patinação no gelo, das competições de ginástica nas Olimpíadas etc. Assim, o termo PLATÉIA adquire uma conotação elitista, opondo-se ao termo TORCIDA, com conotação, nitidamente, popular. Por outro lado, de acordo com situações bem excepcionais, uma torcida inteira pode se transformar em uma grande platéia. Para tal, basta que os espectadores de uma partida de futebol se comportem como espectadores de uma partida clássica de tênis. Exageros à parte, vamos idealizar esta situação,

para consubstanciar a breve análise dos sinais (análise semiológica) encontrados, por exemplo, nas partidas de futebol de que a Seleção Brasileira participou, no Campeonato Mundial, na França. O público brasileiro presente era, em sua maioria absoluta, formado por indivíduos das classes sócio-econômicas média e alta. Para muitos, os jogos da Seleção Brasileira, na França, foram, apenas, pretextos para férias extemporâneas e passeios de verão pela Europa, com uma moeda nacional, o Real, forte no bolso. Público de alto poder aquisitivo, educado, com repertório cultural e nível de escolaridade elevados, de fino trato, regidos mais pela razão do que pela emoção... Junte-se a tudo isso o tipo de cultura futebolística francesa, completamente diferente da de outros centros europeus e sul-americanos, onde, nesses centros, a emoção, quase sempre, é a responsável por atos de muito vandalismo nos estádios.

Entende-se perfeitamente o que o jornalista quis dizer, e sua escolha vocabular recaiu em significantes especiais para traduzir o sentido de suas observações, de suas críticas e de sua indignação. Os semas subjacentes contidos em TORCIDA e PLATÉIA afluíram, pelo contexto, e surgiram como marcas distintivas entre os dois significantes, no desempenho lingüístico do sujeito falante.

2- O jornalista continua:

“Tenho uma visão um pouco utópica de que a Seleção vai acabar e no futuro teremos uma Copa do Mundo de clubes. A Seleção, no que ela pode representar um substrato de uma nação, é uma ficção. Comparada com a realidade mercantilista do futebol, o que importa é o clube, aliás, é também do ponto de vista utópico. O clube é muito mais importante que a pátria na vida do cidadão que ama o futebol. O sentimento clubístico precede o sentimento patriótico”.

O que pode causar polêmica, no texto acima, certamente estará ligado aos conceitos dos três significantes: *nação*, *pátria* e *clube*. Por quê? Primeiro, não é fácil deixar de lado significações intensamente interiorizadas em nós, desde pequeninos, como o significado de nação e de pátria, substantivos até aceitos como sinônimos, um do outro. Depois o texto coloca em confronto CLUBE e PÁTRIA, um com o outro. E mais, o primeiro, em ordem de grandeza, maior do que o segundo. Portanto, devemos tecer comentários sobre *nação*, *pátria* e *clube*.

Nação (do lat. *natione*). Termo antropológico (a antropologia descreve o homem, biológica e culturalmente) e sociológico (a sociologia estuda a relação do homem com as instituições). Assim, NAÇÃO será a reunião de indivíduos fixados em um território (mesmo que não tenham nascidos lá), unidos pelas mesmas marcas culturais; mesmos laços históricos; mesma língua, religião; mesmas formas de habitação, maneira de plantar, de vestir, de sentir a realidade circundante. Indivíduos reunidos em torno dos mesmos interesses, símbolos,

emblemas, organizações, lendas e regras. Indivíduos venerando heróis envolvidos em feitos grandiosos, responsáveis pela coesão do grupo. NAÇÃO será, ainda, a reunião de indivíduos formando um grupo politicamente organizado sob um único governo. Pode ter a acepção de Estado (Cf. Organização das Nações Unidas - ONU).

Pátria (do lat. *patria*) Terra do pai, scilicet terra (em alemão *Vaterland*, Cf. Nascentes). Termo com significação locativa. País natal, solo natal. Terra natal. Lugar de origem. Termo ligado às origens. O país onde nascemos. Pátria brasileira. Pátria amada (Cf. Hino Nacional Brasileiro).

Clube, do inglês *club*, local de reuniões políticas, econômicas, literárias ou recreativas. O fonema /e/, paragógico, surge porque, em português, /b/ não fecha sílaba.

O sema predominante em NAÇÃO, PÁTRIA e CLUBE será *agrupamento de pessoas*.

Todas as metáforas construídas com estes três significantes, **nação**, **pátria** e **clube**, devem obedecer aos significados contidos em cada comentário, acima apresentado, e se presentificarão com um ou mais semas de cada feixe semântico específico.

Nação. Podemos dizer: *nação tabajara* (referência histórica e étnica); *nação nagô* (referência racial); *nações amigas*, *Nações Unidas* (organização política); *nação rubronegra*, *nação vascaína* (referência ao futebol) etc.

Pátria como locativo: "*Minha pátria é a língua portuguesa*" (Fernando Pessoa); *Ouro Preto é a pátria das igrejas barrocas*; *O Brasil é a pátria do samba*; *A Inglaterra é a pátria do futebol*; "*A Seleção é a Pátria de chuteiras*" (N. Rodrigues).

Clube: Clube dos Sete (Dos sete países mais ricos do mundo - Referência político-econômica); Clube literário Machado de Assis (Referência literária); Fluminense Futebol Clube (Um anglicismo de sintaxe. Referência recreativa); Clube do Bolinha (Local de reunião onde mulher não entra. Referência metafórica a uma transcodificação sgnica: revista em quadrinhos).

Assim, para que se entendam os comentários de Armando Nogueira, envolvendo os três termos em destaque (**nação**, **pátria** e **clube**), é preciso que o leitor distanciado das veredas do futebol, nem sempre verdejantes, seja apresentado a alguns fatos significativos, provocados na sociedade brasileira por esta modalidade esportiva tão apaixonante.

O futebol foi oficialmente introduzido no Brasil, há pouco mais de 100 anos, em 1894, em São Paulo, pelo paulistano de família abastada, nascido no Brás, Charles Miller, descendente de ingleses. Inicialmente elitista, preconceituoso, proibido aos desprezados pela fortuna, aos negros e aos mulattos, o futebol brasileiro vai para a clandestinidade das várzeas e nas peladas dos subúrbios inicia a sua transformação em esporte balizador de uma nova identidade cultural brasileira. Foi reestruturado pelas transformações sociais da pós-

modernidade e, a partir dos anos 20, com o advento do modernismo nas artes, nas ideologias, na política e em todos os ramos das atividades sócio-culturais como o tenentismo, o comunismo, o modernismo e muitos outros “ismos”, se modifica completamente, atingindo, dez ou quinze anos depois, o profissionalismo. O futebol pode ser visto como jogo, se for entendido como brincadeira, proporcionando intenso prazer, sem regras e uniformes coloridos, oferecendo ao corpo incrível liberdade e muita espontaneidade de movimentos (estão lembrados de Garrincha?). Pode ser visto como esporte, se for olhado através de suas regras, com juiz, auxiliares de arbitragem, uniformes e muito mais. Esse futebol como esporte “é filho da Revolução Industrial”. O futebol, jogado nas ruas, nas praças e nas várzeas, juntamente com o futebol das regras e praticado nos clubes, se identifica com a esmagadora maioria da gente do povo, que torce por seu clube (pelo time de seu clube). Essa maioria, agora, está unida pela mesma expressão de sentimentos de seu clube, um ideal de vida sublime, heróico e modelar, pois na base desse fenômeno sociológico pode-se ver a conquista de espaços, ocupados, pelos brancos pobres, negros e mulatos. E muitos, chegando ao topo da exaltação, transferem para a seleção de futebol do país todas as formas de culto aos valores emblemáticos da pátria. Mas muitas bandeiras nacionais levadas aos estádios têm costurados no campo verde e amarelo os escudos dos diversos clubes dos torcedores de todo o país. O futebol cria, então, um mito (uma significação é criada), amalgamando e ajustando identidades nas classes sociais e nas raças.

Mas essa popularização não ocorreu rapidamente. Iniciou-se num contato oral, correndo, boca a boca, pelos bairros das cidades, e foi responsável pelo surgimento da paixão por esse esporte. Com a implantação do profissionalismo, a partir de 1933, até 1950, quando o futebol se divulga definitivamente como paixão, mesmo na decepção, serão a crônica esportiva, dos jornais, e as transmissões radiofônicas os principais meios responsáveis pela criação de um universo narrativo, decisivo para a sua popularização.

E os times foram surgindo nas várzeas e nos subúrbios. As agremiações se transformaram em grandes “nações”: a vascaína, a rubro-negra, a tricolor, a da estrela solitária, a corinthiana, a do Parque Antártica. O futebol, agora, é o resultado de miscigenação étnica e se torna o mais popular **jogo** do Brasil. **Clubes** com conotação de **nação**.

Clube, local de reuniões recreativas, proporcionando prazer, alegria (às vezes tristeza), diversão e felicidade, é maior que **nação**. Fernando Pessoa disse que sua pátria era a língua portuguesa. Pompeu, segundo Plutarco, já havia dito que **navegar é preciso**. Portanto, quando o problema é o das origens, podemos berrar utopicamente - coração na boca e mão direita no peito - : *minha pátria é meu clube...* e ninguém muda de clube, mas adota-se uma nação para lá viver... e “**viver não é preciso**”...